

A OBRA DE HEINRICH BÖLL, UMA "L'ART POUR L'HOMME"

Eloá Di Pierro Heise

Tentar caracterizar a obra de Heinrich Böll dentro de dois conceitos aparentemente opostos: a realidade e a irrealidade, parece uma simplificação que não levaria em conta a própria essência da literatura. Não se pode acreditar que haja uma realidade externa, imutável, e que a obra literária seja apenas a transcrição dessa realidade. A literatura, por definição, vai além do limite irredutível entre o real e o irreal, entre aquilo que é e aquilo que não é. Mas, se nos ativermos a conceitos consagrados e entendermos o realismo literário como um certo modo de copiar o real, podemos dizer que Heinrich Böll é um escritor realista. Neste caso estaremos definindo realismo muito mais por seu conteúdo, sem esquecer, no entanto, que a assim chamada "literatura realista" não é apenas analógica, mas também significativa, que o escritor não conseguirá descrever um objeto sem remetê-lo a uma certa transcendência humana.

Com o intuito de apresentar uma visão global da literatura alemã contemporânea na República Federal, Marcel Reich Ranicki em seu ensaio: *Os escritores alemães e a realidade alemã* subdivide estes escritores em três gerações. Dentro de seu esquema, que tomou como ponto de partida o ano de 1945, Heinrich Böll aparece como um dos expoentes característicos da primeira fase, autores que começaram a escrever logo após o fim da guerra. Para eles este conflito havia sido uma experiência muito marcante e ainda estava bem próximo para que pudesse ser esquecido tão rapidamente. Em seu ensaio *Profissão de fé de uma literatura de escombros (Bekanntnisse zur Trümmerliteratur — 1952)*, Böll afirma: "Nós escrevíamos sobre a guerra, sobre a volta ao lar, sobre o que havíamos visto na guerra e encontrado em nossa volta ao lar, sobre escombros", e descreve a tarefa do escritor como sendo "a de lembrar que o ser humano existe não apenas para ser administrado, e que as destrui-

ções do nosso mundo não são só exteriores e de natureza tão insignificante para que se possa pretender curá-las em poucos anos”

A atitude fundamental dessa geração de escritores caracteriza-se por uma desconfiança contra toda e qualquer ideologia. A radicalização deste posicionamento incluía também um total ceticismo em relação ao que fosse literário. A literatura produzida imediatamente após a guerra pretendia ser uma não-literatura, realidade pura, relato de fatos vistos e vivenciados. Utilizando uma linguagem propositadamente cotidiana, os autores recusavam qualquer estilização poética, sem se darem conta de que esta recusa também significava uma outra forma de estilização. As obras, manifestações de experiências individuais, apontam também para uma verdade além dos fatos. Suas vivências eram as mesmas de uma geração inteira e eles as expressavam por todos. Cria-se uma identidade entre autor e narrador, irmanados em uma identificação com o leitor. A narrativa curta, forma literária característica da época, tornou-se uma crítica e uma arma: crítica ao terror do antigo regime nazista, arma contra as ideologias na luta para devolver ao homem a humanidade perdida. Este engajamento, típico de um realismo literário, exige da manifestação artística uma utilidade social. Não há lugar para uma “l’art pour l’art”, que será transformada em uma “l’art pour l’homme”

A vasta obra de Böll pode ser estudada a partir de três macrovariantes temáticas às quais se subordina a sequência cronológica de sua produção: o período da guerra, do pós-guerra e a época do milagre econômico.

O romance *Onde estava você. Adão? (Wo warst du, Adam? — 1951)*, por suscitar a já mencionada identificação entre autor, narrador e leitor, torna-se um dos primeiros “best-sellers” da década de 50. Focaliza-se a situação do exército alemão e sua retirada da frente de batalha do ano de 1944. A guerra, pano de fundo histórico desta obra, provoca um nivelamento moral e faz com que os homens tenham perante si e perante Deus uma desculpa para seu comportamento desumano. Este conflito mundial também é a tônica marcante da coletânea de narrativas curtas *Caminhante, chegas em Spa. (Wanderer, kommst du nach Spa. — 1950)*. Seus contos apresentam o ser humano só, em um cenário de ruínas, em busca de alguém que o liberte da solidão. A guerra nunca é descrita por si mesma, mas sim toda devastação que se esconde por trás do combate: as cidades em chamas, as esperas infinitas, o medo, os hospitais, a fome. Concretiza-se, assim, como um todo absurdo, um conjunto complexo que se infiltra em várias direções. Seus tentá-

culos estendem-se até a época de paz, ou melhor, o período do pós-guerra, tema abordado em seus dois romances seguintes: *E não disse um única palavra* e *Casa sem guardião* (*Und sagte kein einziges Wort* — 1953 e *Haus ohne Hüter* — 1954). No mundo do pós-guerra, aparentemente estável e reorganizado, sem escombros, ainda dominam a insegurança e a desumanização. Questiona-se a ordem da aparência, a sociedade que está sendo supostamente reorganizada, sem estar espiritualmente em ordem.

A reconstrução da Alemanha e o milagre econômico são o alvo da crítica dos seus romances seguintes: *Bilhar às nove e meia* e *Opiniões de um palhaço* (*Billard um halb zehn* — 1959 e *Ansichten eines Clowns* — 1963), bem como de inúmeras sátiras. O romance *Bilhar às nove e meia*, construído a partir da história simultânea de três gerações de uma mesma família, apresenta os seres humanos divididos em duas categorias: em “cordeiros”, que são bons, pobres e sem poder, e em “búfalos”, corruptos, ricos e poderosos. A reflexão sobre o passado, que se destaca nos monólogos das diversas personagens, serve de apoio para uma compreensão do presente. Mostra-se que, no fundo, não houve muita mudança na transição entre a ditadura da época de Hitler e a democracia da República Federal. Em *Opiniões de um palhaço*, recorrem, a nível temático, assuntos abordados anteriormente: a onipresença do passado, a falsa moralidade da igreja católica, a desumanização da sociedade do milagre econômico. Estes temas giram em torno de um núcleo central: a problemática do artista e a marginalização deste homem que se nega a se adaptar a regras fixas e padrões pré-estabelecidos. O aparecimento em 1958 da coleção de contos reunidos sob o título de *Silêncios coligidos do Dr Murkes* (*Dr Murkes gesammeltes Schweigen*) vai consagrar Böll como escritor de sátiras. A constante mais eficaz e significativa do estilo de Böll é o desmascaramento satírico da realidade através da linguagem. Por meio da caricaturização sutil e irônica, criticam-se as instituições e a ordem social reinante. Como diz seu protagonista no romance *Opiniões de um palhaço*: “O que melhor consigo realizar é a apresentação dos absurdos cotidianos” Com argúcia e mordacidade, Böll revela uma engrenagem social maravilhosamente azeitada, que se torna mais importante do que aqueles que a colocaram em movimento; diante dela os sentimentos e as opiniões do indivíduo tornam-se inoperantes.

O romance publicado em 1971 *Retrato de grupo com senhora* (*Gruppenbild mit Dame*) tem como figura central uma mulher, típica protagonista de Böll, um ser humano que representa a resistência teimosa do “eu” contra o mecanismo que o devora. As outras per-

sonagens, agrupadas contrastivamente em torno da figura central, tipos humanos recorrentes na obra do autor, proporcionam uma acurada visão crítica da sociedade como um todo. A novela *A honra perdida de Katharina Blum* (*Die verlorene Ehre der Katharina Blum* — 1974) mostra como o uso indevido de um poder que a sociedade nos confere — a liberdade de imprensa — pode destruir uma vida sem oferecer uma clara possibilidade de escolha.

Em 1972 é outorgado a Böll o Prêmio Nobel de Literatura pelo conjunto de sua obra, tornando este escritor, juntamente com Günter Grass, o ficcionista mais conhecido da literatura alemã contemporânea. Se quisermos entender melhor o porquê da outorga deste prêmio e abstrair uma constante no conjunto da obra do autor, devemos ressaltar a ênfase que este confere ao ser humano. A tendência de Böll de se identificar com o homem simples e seu mundo, a crença na integridade de seus heróis representa a parte central de sua poética, uma poética do ser humano. Também sob este aspecto, o autor apresenta características dos chamados “escritores realistas”. Em todas as obras, percebe-se, de forma recorrente, o conflito do herói com a ordem social burguesa. Seu protagonista é sempre o homem comum, assoberbado por problemas prosaicos e rotineiros: “Chamaram-me, com alguma condescendência, frequentemente de escritor dos pequenos. Infelizmente interpreto tais restrições como lisonja”, afirma o autor em suas *Preleções de Frankfurt* (*Frankfurter Vorlesungen* — 1968). O pequeno homem ainda pode ser reconhecido como ser humano, apesar das restrições que a sociedade lhe impõe. Böll engaja-se por este ser humano que não pode e não quer se deixar nivelar: “para mim o engajamento é um pressuposto, por assim dizer, a base, e o que eu coloco nesta base é o que entendo por arte” Prosseguindo nesta mesma entrevista concedida a Bieneck, Böll afirma que pretende ver o mundo como é, “com um olhar humano, que não é normalmente nem tão seco, nem tão molhado, mas húmido — e, queremos lembrar, que a palavra latina para humidade é humor — sem esquecer de que (...) há coisas perante as quais não existe nenhum motivo para o humor” (*Conversas de oficina com escritores — Werkstattgespräche mit Schriftstellern*). Esta parece ser uma caracterização precisa do próprio estilo, onde ocorrem com freqüência a sátira e a ironia, contudo, mais raramente, o humor. Para o autor, há uma ligação necessária entre Estética e Moral: “Moral e Estética provam ser congruentes, e também inseparáveis, independentemente quão teimoso ou moderado, brando ou colérico, através de que estilo, ou sob qual enfoque um escritor queira se aventurar à descrição ou à simples representação do Humano” (*Preleções de Frankfurt*). Em sua

obra, mesmo não havendo lugar para uma preocupação metafísica imediata, busca-se uma verdade além dos fatos, valores morais e estéticos que tornam sua literatura profundamente moralizadora.

Sobrepujada a guerra e suas consequências, a situação do homem na época da restauração parece ser a mesma. Sujeito a todo tipo de pressão, seja de ordem psicológica, teológica, política, social, histórica, este homem ou se rebela contra as forças que o dominam e se torna uma figura à margem da sociedade, ou está fadado a se distanciar de si mesmo. Percebe-se, assim, em toda a produção do autor, a preocupação central de um humanista, que não luta contra determinada ordem social, mas sim contra a desumanização do homem no nosso tempo.